

Uma poesia de veludo brota da mágica terra transmontana

Por Maria Manuel Baptista¹

Para quem aborda pela primeira vez o mais recente livro de poemas de Henrique Pedro, *Do Povo que sou*², o que de imediato impressiona é o seu lirismo tão genuíno e profundo, a intensa comunhão do poeta com a terra e o povo transmontano. A sublinhar a intensa emoção que atravessa esta poesia encontram-se as gravuras de um artista também transmontano, Da Costa, que soube imprimir logo na ilustração que serve de capa ao livro uma espécie de erotismo telúrico que a terra aí parece respirar através da ceifeira de pés rudes e rosto delicado, em fusão quase mística com a natureza que parece acolhê-la ali desde sempre. Do mesmo modo, as gravuras escolhidas para separar os diversos capítulos do livro revelam um artista particularmente sensível às temáticas abordadas por esta poesia, coincidindo sobretudo naquilo que ela tem de visão sem mácula de uma realidade, natural ou humana, em estado virginal,. É, pois, um género de ilustração que, em nossa opinião, reforça e concorre para a qualidade da experiência poética a que convida este livro.

Se o livro se intitulasse *Da terra que sou* em vez de *Do povo que sou* não chocaria ninguém. Na verdade, como o próprio Da Costa parece tão bem ter intuído, ‘terra transmontana’ e ‘povo transmontano’ são indissociáveis na poesia de Henrique Pedro. Só por este facto poderíamos de imediato colocar este livro na senda de uma identidade poética transmontana cuja história é já longa e repleta de nomes que a têm prestigiado e incessantemente cantado. Mas Henrique Pedro não é apenas mais um poeta transmontano, pois tem uma identidade própria, uma marca de distinção muito especial ao fundir o mais delicado e suave lirismo com a profunda gravidade da Montanha, Terra quente que afinal é Mãria, doce e cálido útero materno a que retorna agora, simbólica e afectivamente (como também real e fisicamente). Este *Do Povo Que Sou* é claramente o livro de um poeta transmontano, mas desses que são o reverso da mítica aspereza da

¹ Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal.

² Maia, Ver o Verso, 2004

alma dos que «estão para cá do Marão» e que têm no contexto nacional e internacional o seu mais conhecido símbolo poético e literário em Miguel Torga.

Um doce e ingénuo, mas sempre inquietante, misticismo percorre este livro que sacraliza não só o tempo mítico da infância, onde afinal cada um de nós também se revê ao calor da ancestral fogueira familiar, mas antes de tudo a Terra Quente e Fria onde cada fraga, cada árvore, cada reza e cada história ganham sob a pena do poeta uma solenidade e gravidade tais, (longe da rudeza da poesia de um Miguel Torga, que com raiva também amou a sua/nossa terra), que enche de suaves declinações de ternura e diáfana luz cada canto da alma desta terra e deste povo que ele é, e que todos nós somos.

Ao contrário da sensibilidade poética de Torga, este é um livro que nos revela o lado de seda, de veludo cálido e macio que é igualmente o do transmontano quando se reencontra consigo próprio, com a sua terra e cultura. É desta faceta da alma transmontana que, em minha opinião, nos fala a poesia «Do Povo Que Sou» e a qual poderíamos dizer estar toda resumida no fragmento 57 (p.46), no qual se escreve o seguinte:

«Procuro o sentido
a razão de ser
e estar encantado
da magia profunda
desta terra de verdade
que se reflecte no céu
no viço das árvores
no canto das aves
nos lírios do campo
no coração do Homem
janela da Eternidade»

Um poeta é acima de tudo alguém que vê melhor, mais fundo e mais longe do que todos nós. É alguém que nos devolve uma realidade outra, ao mesmo tempo igual e diferente daquela que vemos todos os dias. Traz aos nossos olhos, sob a roupagem da linguagem simbólica e poética o que só muito indistinta e intermitentemente nós, simples mortais vislumbramos (e às vezes nem isso). E é isto precisamente o que o Poeta Henrique

Pedro faz neste seu, agora também nosso, «Do Povo Que Sou», reconstituindo por nós o sentido de uma viagem, interior e mesmo física, de muitos de nós que daqui partimos, partindo de nós, para inevitavelmente regressarmos sempre, efectiva ou simbolicamente, ao útero matricial em que retornamos a nós. A conclusão a que chega é a de que, afinal, por longa e longínqua que seja a viagem, o poeta compreende que ‘existe no povo que é e na terra a que pertence’. Nem todos os tratados de sociologia ou psicologia alguma vez o dirão melhor que o poeta, porque este não só o sabe com a razão, mas também com o coração, como ele próprio nos recorda.

Este livro é ainda feito de outras sínteses felizes: entre os vivos e os que já partiram, entre a família e o povo, a casa e a planície ou a montanha, a partida e o regresso, entre as cores, os sons, os animais e as pedras, a natureza e a cultura desta Terra, ora Fria ora Quente. Sínteses felizes, mas activamente procuradas no seio de uma luta pelo sentido de um projecto de vida onde tudo parece jogar-se de um só vez: vida pessoal e destino de um povo a que se pertence de corpo e alma e de uma vez por todas. Como se a longa diáspora que parece ser o fado de muitos transmontanos, afinal tivesse um sentido, aquele que o poeta Henrique Pedro aqui quis experimentar e devolver-nos neste livro, lembrando-nos que

«Fugi
para fora de mim
pelo Mundo adentro» (p11)

para no final concluir que

«Neste exacto
momento
de sentimento
em que me despeço de mim
e a mim
acabo de chegar

A mim e a Deus
Adeus.
Acabo de chegar

para cá ficar». (p.74)

Na verdade, é toda uma aventura interior que aqui se encontra descrita, que une princípio e fim num só laço, sagrado como a vida, e que o poeta partilha com os seus leitores/concidadãos. Livro comovente e cheio de musicalidade, a leitura desta poesia é quase imparável. Lê-se de um só fôlego e apetece depois repetir para lentamente saborear as castanhas e as batatas com grelos, as alheiras e os assados na brasa, sentir devagar o pulsar arfante da terra no Estio e nos ossos o húmido nevoeiro dos dias de Inverno, gelo e neve que escondem a pedra e o xisto.

Trata-se, por fim, de uma poesia que conjuga o que de mais fecundo pode haver no sentimento regionalista, no amor à terra, com a construção de um homem universal, cuja experiência de procura do sentido tem interesse duplo: pessoal e local, como modo de apropriação e reencontro na e da Terra, na paisagem e nos seus ritmos naturais, nas suas tradições e nos seus mitos, na sua esperança e no seu desespero; mas também interesse eminentemente universal, pois que a procura identitária que aqui nos é revelada é a de todo o homem onde quer que se encontre a sós com a sua alma e a sua condição de humana carência de sentido. E é só por isso que a resposta que esta poesia nos propõe fala a linguagem intemporal e universal dos grandes mitos e das religiões ao propor-nos, finalmente, a tão ansiada 'janela para a Eternidade':

«Agora sei:

Tudo o que sinto

Sou!» (p.16)

Metamorfose no coração da natureza e da cultura, assumpção do seu povo cujo destino escolhe também ser, vivendo os seus desgostos e tragédias, fazendo o seu próprio coração pulsar ao ritmo de uma mais ancestral cultura transmontana, que a sensibilidade e inteligência do Poeta Henrique Pedro captou, qual sismógrafo cultural capaz de perscrutar um eco profundo e mais antigo inscrito, nas fragas como nos rostos dos seus concidadãos e que nos revela em tom de ímpar lirismo e comoção profunda:

«Retorno à minha pátria

berço

celta

luanca

mítica
intemporal
escondida em castros
encastrados
nos quadraçais do Rabaçal

Entre fragas e faunos
Moiras encantadas
E outras lendas
De encantamento
Musicadas pelo vento
A soprar surdinas
No seio do pinhal» (p.27)

Desta poesia se pode adequadamente dizer que é tanto mais nacional e universal quanto mais regional, porque recusa o provincianismo e se assume em primeira instância como humana resposta a um destino individual concreto e particular. Projecto onde talvez se decida grande parte do destino pessoal de Henrique Pedro, tal como é próprio dos grandes e verdadeiros poetas.